

FRONTEIRA

Época - maio 2000

AMAZÔNIA

Dividir para governar

O ministro da Defesa e comandantes militares propõem a criação de territórios e deslocam tropas para aumentar a vigilância no Norte do Brasil

O Ministério da Defesa quer redesenhar o mapa do país, para converter o Brasil numa República Federativa formada por 26 Estados, pelo Distrito Federal e por dois territórios federais – Alto Rio Negro e Alto Solimões. A nova divisão territorial da Região Norte, antiga aspiração dos militares, foi agora publicamente encampada por um civil: o ministro da Defesa, Geraldo Quintão. Em meio à visita de três dias ao Projeto Calha Norte, encerrada no domingo 14, Quintão lançou a idéia do parto de dois territórios no extremo oeste da Amazônia. O Território do Alto Rio Negro nasceria da junção de pedaços dos Estados do Amazonas e de Roraima. Teria como capital a cidade de São Gabriel da Cachoeira, município amazonense. O Território do Alto Solimões ocuparia virtualmente todo o centro-oeste do Amazonas e avançaria por terras a noroeste de Rondônia. A capital seria Tabatinga, outra cidade amazonense, nas cercanias da fronteira com a Colômbia.

Hoje, claudicam na Comissão de Constituição e Justiça do Senado três projetos de divisão territorial do país. Um deles propõe a transformação de parte de Mato Grosso no Estado do Araguaia. Outro sugere o retalhamento do Pará, com a criação do Estado do Tapajós e a cessão de um naco do



Fotos: José Paulo Lacerda/AE

ÍNDIO NA TROPA Ianomâmis são recrutados para pelotões na fronteira com a Venezuela

Amazonas ao futuro Estado do Solimões. A proposta de Quintão ganhou a imediata simpatia dos governadores da região, entre os quais o mais entusiasmado é Amazonino Mendes (PFL), do Amazonas. Como Quintão, Amazonino defende a formação apenas de territórios, não de Estados. A segunda alternativa implicaria custos mais elevados para o erário.

Políticos e militares vislumbram na criação dos territórios a possibilidade de facilitar a administração das áreas às voltas com problemas crônicos decorrentes da infra-estrutura indigente. Tanto Tabatinga quanto São Gabriel da Cachoeira padecem do mesmo mal: a falta de energia elétrica. Diariamente, Tabatinga sofre de dois a quatro cortes de energia.



GENERAL LOPES
 Comandante da Amazônia prepara tropa contra incursões de guerrilheiros e traficantes no Norte

REGIÃO CONFLITUOSA
 Soldados do Exército da Colômbia controlam estradas de acesso à fronteira com o Brasil por causa da guerrilha



Alexandre Sant'Anna/ÉPOCA



CAMUFLADO
 Pressionado por oficiais do Exército, Quintão usou uniforme em Tabatinga



Na tarde de 12 de maio, quando o ministro da Defesa desembarcou na cidade acompanhado de 15 parlamentares, um grupo de moradores tratou de receber os visitantes com cartazes de protesto: "Queremos energia", repetiam. À noite, um blecaute obrigou Quintão a discursar no escuro para oficiais do Exército. Não é só isso. Os militares enxergam outros méritos no fatiamento territorial, além de instrumento destinado a integrar populações condenadas ao isolamento. A vigilância das fronteiras seria reforçada – hoje, a região é vulnerável ao narcotráfico e à guerrilha com bases plantadas em países vizinhos. A Floresta Amazônica é rota do tráfico de cocaína e abriga laboratórios de refino da droga. Os guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) estão espalhados por mais de 1.000 quilômetros ao longo da fronteira entre São Joaquim, no extremo oeste da região conhecida como Cabeça-do-Cachorro, e Tabatinga. Normalmente,

acampam a apenas 50 quilômetros do limite com o Brasil. A inquietação despertada pelas Farc levou o Exército a implantar quatro centros de treinamento de recrutas em táticas antiguerrilha. "Vamos infernizar os guerrilheiros se entrarem em nossas fronteiras", diz o general Alcedir Lopes, comandante militar da Amazônia.

Na ótica dos militares, a criação dos territórios ajudaria também a afastar outra assombração recorrente – o risco de internacionalização da Amazônia. Eles desconfiam das intenções das Organizações Não-Governamentais (ONGs) estabelecidas na região. "Nesse momento, o navio *Amazon Guardian*, do Greenpeace, está no Rio Juruá insuflando os índios. Isso é interferência em nossa soberania", protesta o general Lopes. Na esteira dessa preocupação, os militares vêm empreendendo uma marcha silenciosa em direção à Amazônia. O contingente do Exército na região – 22 mil homens – já é o segundo maior do país. Só perde

para a guarnição no Sul. Nos próximos 18 meses, o Exército removerá para as florestas do Norte outros 2 mil soldados em serviço no Ceará, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul.

A intensificação da presença militar na Amazônia só não é maior em consequência de restrições orçamentárias. Nos últimos dois meses, economistas do governo vetaram a concessão da verba de US\$ 120 milhões para a implantação do Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam) e de outra de US\$ 30 milhões para a construção de lanchas de patrulha fluvial. Na viagem ao Amazonas, Quintão não prometeu recursos. Mas anunciou a decisão, chancelada pelo governo federal, de buscar aproximação com países como Venezuela, Colômbia e Guiana. O ressurgimento da ideia de criação dos territórios sugere que essa opção ganhou força. ■

ROBERTO LOPES E
 LEANDRO FORTES, DE BRASÍLIA